

O Coração de Fortaleza (*)

Caio Porfrio Carneiro

Este livro (**A Praça**, Mozart Soriano Aderaldo, Fortaleza, CE., 1989) não trata apenas da **história** da Praça do Ferreira, coração da capital cearense. Para chegar a ela – à Praça – o autor vem de longe, caminha muito, desde as primeiras tentativas de povoamento do Estado e do pequeno espaço geográfico onde nasceria a cidade. E vem com calma, mostrando ao leitor, em caminhada sem pressa, o surgimento do Forte, e a partir dele, desabrochando-se como uma flor, ao correr das décadas, a cidade de Fortaleza. Mostra a seqüência de plantas urbanas, desde a mais antiga que se conhece (uma dúzia de construções dispersas). As ruas vão se alinhando, se estendendo, e a Praça nasce, timidamente a princípio, quase um ser humano. Original até nisto. Ao contrário de outras cidades, como seria natural, essa Praça, núcleo da capital, não foi a primeira a surgir. A cidade cresceu em direção dela e o boticário Ferreira, que nela residia, deu-lhe sopro eterno de vida. E o povo batizou-a de Praça do Ferreira, para durar enquanto a cidade existir ou enquanto o “progresso” não varrê-la do mapa sem dó nem piedade.

Se a **história** documentada e viva da Praça vem de longe, de muito antes do seu surgimento, que o mergulho de Mozart Soriano Aderaldo rumo ao passado foi profundo, quando o autor volta à tona e a alcança, já nos primeiros vagidos, então a partir daí não temos apenas **história** na sua verdade documental: abre-se o livro para a reportagem, caminha para o cinema, para a crônica leve, para a memorialística palpitante, quase para a ficção. É a Praça do Ferreira e sua vida; é a vida intensa da Praça.

Mozart Soriano Aderaldo, com talento notável, **explode** como a própria Praça esfuziante e inquieta. A história – mais que isto: a **vida** – dos cafés, restaurantes, cinemas, lojas, livrarias, rodas de bate-papo nos bancos – tudo cabe neste relicário. Vi-me de repente menino, levado pela mão de meu pai, espantado com tanta gente; vi-me rapazinho pedante, discutindo com amigos num dos bancos, procurando salvar o Brasil. Assisti filmes, bebi pega-pinto, e abracei-me à árvore, palpitante e apavorado, olhos fitos no velho Majestic comido pelas chamas, sua bela e altaneira torre desfazendo-se em lágrimas.

O autor me levou à minha querida Praça. Eu a vivi novamente. O seu talento de historiador, escritor e criador, fez a minha saudade se corporificar em quase realidade.

Até o **lado negativo** da Praça, vivamente descrito, não lhe diminuiu em

(*) Transcrito da Imprensa paulista

nada. Ao contrário. Confirma que a Praça é **humana**. E quem é **humano** tem seus defeitos. De todos os crimes que a mancharam, um a inundou por inteiro: foi a pretensa reforma de 1968/9. Este, sim, sempre em nome do infernal “progresso”, buscou atingir-lhe a alma, porque tentaram, numa operação plástica estranha, fazer da Praça outra coisa que não mais ela mesma.

Mozart Soriano Aderaldo, com esta jóia, alcançou fundo. A história da Praça do Ferreira, coração de Fortaleza, flui com tanta precisão e sentimento que vai à alma de cada habitante da cidade e faz do passado presente. Mostrou, ao contar a vida do quadrilátero urbano, o que vale o pulsar de uma cidade e de que barro é feita sua gente.

Livro assim vale a pena. Valerá sempre.